

## COMENTÁRIO À APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE ARMANDO B. FERRARI: O ECLIPSE DO CORPO

Emir Tomazelli\*

\* Psicanalista e  
professor do  
Departamento  
Formação em  
Psicanálise.

**O**bservação I: Gostaria de começar meus comentários nesta noite por uma observação que na verdade é uma distinção. Na qualidade de comentador, fui convidado por ter estado ocupado, no ano passado, com o tema do corpo em meu texto de mestrado. Naquele texto, o conceito de corpo ou o ponto de vista que é adotado para abordar a questão do corpo no campo da psicanálise é diferente daquele proposto por Armando Ferrari em seu livro *O Eclipse do Corpo*. Isso quer dizer que em meu texto detenho-me sobre uma perspectiva que busca expor a dimensão histórica do corporal no que se refere à ação, no que toca o passado de uma ação, ou seja, ocupo-me do remanescente ativo de uma memória que é arrastada pelo corpo permanecendo silenciosa, porém exigindo expressão e representatividade no psíquico: ações de incontáveis *egos* encontram-se precipitadas no id, como Freud afirmaria em "*O Ego e o Id*". Ou seja, minha pesquisa busca as formas de memória, os restos dos traços ontogenéticos, que, precipitados no mundo inconsciente, permanecem ativos no espaço corporal comprometendo as ações atuais, confundindo-as com ações que geraram questões no passado e não foram liquidadas, nem do ponto de vista histórico da espécie, nem do ponto de vista do sujeito, ele

próprio. Em uma palavra, pesquise o problema da ontogênese da ação e sua relação com a experiência do pecado e da culpa; experiências essas que marcam profundamente o campo da ação e da cognição no que diz respeito ao inconsciente humano. No entanto, o que vou me permitir fazer em minha contribuição a esta discussão de hoje é desviar-me de meu foco tanto quanto eu possa, mantendo-me (paradoxalmente) o mais que eu possa sempre fiel a ele. Portanto, que não se espere de minhas palavras algo que lembre uma crítica que se faz em oposição ao texto do Dr. Ferrari, nem tampouco um elogio sob a forma da re-exposição do tema que se encontra no livro, e que todos, tenho certeza, terão um imenso prazer em ler em sua solidão na clínica.

Meu comentário será feito sob a forma de uma associação livre e direta entre meus estudos e os que Dr. Ferrari desenvolve em seu livro, que – é bom que se note – fascinaram-me. Procurarei nessa livre associação o caminho do comentário como se fossem os caminhos de um devaneio psicanalítico que pode narrar a experiência que um analista vive ao ler um outro analista escrevendo. Peço desculpas antecipadas pelas misturas e confusões – num certo sentido propositais – que eventualmente surjam dessas conexões emborçadas em meu narcisismo de leitor de um texto que – apesar da diferença afirmada – gostaria muito que fosse meu.

**Observação II:** Já não era sem tempo que um psicanalista tomasse em suas mãos e problematizasse a questão referente ao tema da consciência, tanto no que diz respeito ao pesquisador no momento de produzir ciência, quanto no tocante ao bebê humano que toma, de modo tremendo, consciência – autoconsciência – de ser seu corpo. Toma consciência do mais particular de seu próprio eu. Toma consciência, como nos diz Dr. Ferrari *“de que existe em nós algo que nos pertence de maneira originária, a ponto de dar-nos, simultaneamente, a sensação de sua indestrutibilidade, mas também a impressão de um buraco profundo, tão profundo que nunca chegaremos a conhecê-lo nem a explorá-lo completamente”* (p. 48).

Insisto: incluir no mundo fadado ao peso do não-lembrável – inconsciente, portanto – a temática da consciência é fazer um resgate histórico para o estudo da psicanálise, é recuperar textualmente

aquilo que a repressão quis excluir quando o cientista do inconsciente quis pensar esse mesmo inconsciente como única verdade, dogmatizando-o. Esse ponto evoca a lembrança do manuscrito perdido de Freud sobre a questão da consciência e evoca também, que, por mais que queiramos distinguir a problemática do incognoscível, do inconsciente, do esquecido, de uma outra que é a do conhecimento e da consciência, esta – a do conhecer – retorna como questão para quem produz teoria na área da psicanálise, e também, para o bebê humano quando pensa sobre si mesmo. Isto é, a questão da pulsão deve dar lugar também à questão da gnose; mesmo que, do ponto de vista da pulsão, o conhecimento sempre esteja aberto sobre o vazio do esquecimento ou da destruição espontânea do trabalho psíquico, como foi a que Freud nos propôs quando destruiu seu manuscrito.

Por esse caminho, o “eclipse do corpo” – tema central do livro e desta apresentação e comentário – apareceu-me como mais uma expressão da atividade do esquecimento que se encontra presente nas relações da mente com o resto do mundo; seja esse resto o outro ou o próprio corpo. O corpo obscurecido, relegado a um segundo plano, torna patente mais uma vez o drama de um corpo abandonado e imperfeito que a mente não suporta pensar. Em uma palavra, o corpo na mente não é corpo, e a abertura que o pulsional lhe confere ao fazê-lo área de ninguém faz com que cometamos um dos maiores erros epistemológicos ao produzir ciência em psicanálise. A saber, o erro é o de pensarmos que o corpo possa ser apenas um efeito de linguagem ou um simulacro das phantasias inconscientes e que, sem elas, ele não porta nenhuma verdade própria. Isto é, enquanto pesquisadores, não podemos esquecer que se a pulsão é bissexual (ou, o que é pior, é a viva expressão da abertura para o desejo do outro) o corpo – em sua verdade privada – é de antemão definição ativa, é imperativo categórico, sexuado e definitivamente marcado por uma forma e uma questão singulares, que se expressam em sua materialidade como lembrança que antecede à língua ou ao fantasma. Eclipsá-lo, portanto – mesmo que isto implique em evidenciar o quanto não podemos esquecê-lo – é torná-lo objeto incapaz de produzir o sentido que lhe é próprio, e que ele já tem. Eclipsá-lo é torná-lo sombra quando, em verdade, é clareza irrefutável ávida por trabalho psíquico.

Assim, concordando com Winnicott, julgamos que a questão crucial do homem liga-se hoje muito mais à questão do ser do que à questão do sexo, e é a essa problemática que o texto de Dr. Ferrari nos parece querer responder ou dar a pensar.

**Observação III:** Em meus devaneios, pensei, por outro lado, quais as conseqüências do “eclipse do corpo” no âmbito do trabalho clínico no que se refere ao ser do analista. Isto é, quais as conseqüências que sofre o corpo do analista no tocante ao problema clínico da neutralidade, quando sabemos com que esforço tentamos excluir tudo o que provenha do nosso visceral por julgarmos essas manifestações como inconveniência, como perturbação narcísica particulares ao nosso eu e que nunca poderiam servir como dados capazes de gerarem um pensamento e, portanto, uma interpretação.

A idéia de assepsia na investigação psicanalítica aí me parece estar questionada, uma vez que a “*fisicidade*” do analista também é questão, também se faz como questão no momento próprio da interpretação. Se tomarmos como um dos pressupostos da prática analítica a investigação e a pesquisa do encontro do homem com o si mesmo e com o outro, parece-nos mais dramático ainda o que poderá ser pensado sobre o corpo do cliente (já que o nosso não pode ser pensado por supor-se equívoco) se a ele sobrar estritamente o espaço teórico de um corpo que só existe diante do olhar sexual do outro, que só pode ter existência no desejo do outro, fazendo-se a palavra do adulto da mesma espécie o motor exclusivo de uma verdade psíquica responsável pela transmissão de uma tradição, de um passado proposto agora como significação que fundamenta o *eu*. Assim, mais uma vez, gostaria de afirmar que já não era sem tempo que se pudesse colocar em questão o quanto o corporal não pode se definir exclusivamente como resultado de uma conversão histérica lida como reflexo estruturante de um discurso. Que já não era sem tempo observar que o corpo não pode tornar-se realidade psíquica somente quando (deformado no e pelo desejo do outro), for resto do vínculo com a cultura e com a tradição. Em meu modo de compreender, Dr. Ferrari recupera de forma precisa a lembrança de que há uma singularidade em jogo e que essa singularidade não pertence ao campo da transferência, ela não se desloca, ela não é suscetível de ser absorvida no vínculo com o outro, mesmo que este jogue um intenso



papel na elaboração desse “objeto originário concreto” que é o nosso próprio corpo. Isso acaba por levar-me a propor que a “*fisicidade*”, o “*uno*”, o “*vertical*” (termos usados por Ferrari em seu texto) portam em si mesmos a questão da responsabilidade e da culpa intransferíveis do próprio sujeito, uma vez que será dessa “*fisicidade*” que o homem deverá dar conta sem ter como evacuá-la na mente do outro, mesmo que isso possa ser realizado na fantasia como muito bem Melanie Klein nos ensinou. Solitário, diante da exigência ininterrupta de trabalho que a corporeidade requer, não haverá ninguém que possa minimizar a questão pessoal, nem do cliente, nem muito menos do analista. O “*uno*” não se transfere, o “*uno*” acaba por ser questão pessoal, muitas vezes equivocadamente lido como nadificação ativa, produto secundário da imaginação não submetida à lei do simbólico.

**Observação IV:** Bem, por fim, uma última área de interesse, que conduziu os meus devaneios lendo o texto de um autor em seus achados teóricos e clínicos, é a área da metapsicologia. É bom que se diga que o texto apresentado por Dr. Ferrari não é um texto simples; muito pelo contrário, é escrito de modo bastante claro, mas de forma alguma é simples. O sonho aqui se interrompe, o pensar torna-se mais endurecido, e os meandros nos quais a reflexão que ele nos propõe penetrar, exigem disposição redobrada e uma atenção absolutamente não-flutuante. Aqui temos que acordar!

A metapsicologia que salta da temática que “O eclipse do corpo” nos propõe, envolve uma revisão profunda do conceito de mental e do conceito de físico em psicanálise e em ciência, e de como esses elementos jogam no espaço da clínica e da cura psicanalítica. Temas como *sexualidade, inveja, linguagem, simbolismo, pensamento, sujeito, objeto e ação* – para selecionar alguns dos conceitos que agora surgem em minha lembrança – são rearticulados dentro de uma nova atmosfera de pensamento que os recoloca diante, mais uma vez, desse observador ativo que nos habita e que podemos chamar de autoconsciência, de autopercepção. Dr. Ferrari, em seu texto, escreve: “a mente é uma configuração percebida pela mente”; e citando Hofstadter ele segue dizendo: ‘a percepção reside em nível do sistema global, e não em nível do símbolo do si mesmo. O traço distintivo do símbolo do si mesmo não pode ser seu aspecto, mas sim a função que ele pode ter’ (p.26). [o grifo é meu]

Afirmativas como essa, são radicais para a tomada de uma postura tanto científica quanto psicanalítica e clínica. Quer dizer, um homem que se dispõe a afirmar coisas como essa não está revendo apenas conceitos propostos pelos autores precedentes no campo de sua ciência; pelo contrário, está, isto sim, dizendo, em alto e bom tom, que “é justamente a consciência o problema insolúvel da relação mente-corpo. E se a tudo isso acrescentarmos que não temos até hoje a menor idéia de como se possam explicar os aspectos físicos de um fenômeno mental, o quadro ainda se tornará mais complexo”, uma vez que “parece impossível formular qualquer teoria FÍSICA da mente enquanto não se tiver refletido mais a fundo sobre o problema da subjetividade e da objetividade. Sem isso, não se poderá sequer colocar o problema mente-corpo sem, com isso mesmo, eludi-lo” (p. 28) [essa última é uma citação tomada de Thomas Nagel, no livro *O que se sente por ser um morcego*]

Aí está o problema:

— como formularmos as questões atinentes a uma psicanálise atualizada, que se pretende além de terapêutica, científica, se não tomarmos como questão essa que se refere à consciência? Mente-corpo, observador-observado, conhecedor-conhecido, unido-dissociado, eis aí a dramática dialética do conhecimento que se recusa a revelar sua verdade diante de nosso imaginário e diante de nossa intensa investigação. “O buraco é mais em baixo”, diria Vinícios de Moraes!

“O homem parece funcionar na base desta dissociação” (p. 29), propõe-nos Dr. Ferrari; dissociação essa que, do ponto de vista da ciência, torna-se uma oposição cognitiva dando origem a uma psicologia e a uma física que muitas vezes lamentavelmente se opõem.

O “objeto originário concreto” e o “eclipse do corpo” tentam dar conta de tematizar essa ruptura tomando-a como própria. É ela — é bom que se remarque este ponto — é essa mesma dissociação, essa ruptura, essa cesura “que nos faz funcionar como homens” (p. 29).

Enfim, e para terminar o meu já extenso e cansativo comentário, considerando que a função da vida humana pode ser essa ininterrupta tecelagem que busca ligar, ou religar, a mente ao corpo, pergunto:

1) Diante da hipótese do eclipse do corpo, a) deveríamos – nós analistas – perder nosso antigo pudor de lidarmos com a cura como processo de conhecimento e assim passarmos a considerar a psicanálise como uma pedagogia? Reservando, é claro, para o conceito de pedagogia o de ser a arte de ensinar ao homem o que é o próprio homem? b) Poderíamos considerarmo-nos, enquanto psicanalistas, como educadores dos sentidos, isto é, trabalhadores infatigáveis da cognição e da estética?

2) Que lugar ocupa a cura – e por que não dizer, a psicoterapia, sempre tomada como menor pelo psicanalista – diante dessa insolúvel dissociação entre o mental e o corporal? Seria nossa função entristecer o cliente e aí sim poder ensiná-lo que a cesura, a dissociação, é um fato intransponível?

3) E a instituição psicanalítica, diante da hipótese do eclipse do corpo, como poderia ser pensada:

a - seria ela mero replicante, um clone gigantesco da própria dissociação mente-corpo, uma vez que pretende – identificada, completamente, com os sintomas dissociativos – curá-los?

b - ou seria o local privilegiado para ritualizar o holocausto e a consagração do corpo, eclipsando-o? Fingindo escondê-lo? Proibindo que ele possa ter alguma manifestação espontânea?

c - não poderia ser este que se segue o ensinamento sintomático da instituição psicanalítica: ***ser analista é ter um repúdio obsessivo pelo corpo que acaba por implicar sua máxima revelação?***

Bem, aqui termino o devaneio, a discussão, e o comentário. Muito obrigado a todos e em especial ao Dr. Ferrari, por ter permitido a mim esta reflexão. Obrigado e boa noite.

São Paulo, 2 de abril de 1995